

Racismo discursivo na mídia da saúde: análise a partir dos personagens presentes nos cadernos de saúde de jornais

Racismo en el discurso de la media de salud: análisis de los personajes en estos cuadernos de la salud de los periódicos

*Racism in the media discourse of health: analysis from
the characters in health sections of newspapers*

Wellington Oliveira dos Santos¹

Paulo Vinícius Baptista da Silva²

Resumo *Este artigo analisa formas discursivas atuantes no discurso midiático brasileiro dirigido para a área da saúde, que estabelecem hierarquias raciais entre brancos e negros. Utilizando dados de pesquisa com o caderno de saúde de um jornal impresso paranaense, analisa: 1) a racialização dos negros, com o uso de estratégias discursivas que estabelecem os brancos como padrão de humanidade; 2) a sub-representação de negros em contextos que fazem referência à saúde, o que provavelmente contribui para a manutenção das desigualdades sociais existentes entre brancos e negros.*

Palavras-chave: *Racismo discursivo. Negro. Saúde.*

Resumén *Este artículo hace el análisis de formas discursivas actuantes en el discurso mediático dirigido a la salud brasileño con el sentido de establecer jerarquías raciales entre blancos y negros. Usando datos de las encuestas con el cuaderno de salud de un periódico impreso en Paraná, analiza: 1) la racialización de los negros, con el uso de estrategias discursivas que establecen los blancos como el estándar de la humanidad; 2) la insuficiente representación*

¹ Psicólogo, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, membro do NEAB-UFPR. E-mail: psicologowell@gmail.com

² Doutor em Psicologia Social; membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UFPR) e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná. E-mail: paulovbsilva@uol.com.br

de los negros en contextos que hacen referencia a la salud, lo que probablemente contribuye con el mantenimiento de las desigualdades sociales entre blancos y negros.

Palabras-clave: *Racismo discursivo. Negro. Salud.*

Abstract *This paper studies the discursive elements operating in the Brazilian media discourse aiming at establishing racial hierarchies between whites and blacks. Gathering data from research in the health section of a newspaper printed in Parana (Brazil), analyses: 1) the racialization of black characters, with the use of discursive strategies that define white characters as humanity models; 2) the under-representation of black characters in contexts that make reference to health, which probably contributes to the maintenance of social inequalities between whites and blacks.*

Keywords: *Discursive racism. Black. Health.*

Data de submissão: 04/05/2010

Data de aceite: 18/02/2011

Introdução

Neste artigo analisamos formas discursivas presentes no discurso midiático brasileiro dirigido para a área da saúde humana, em corpus constituídos pelos cadernos de saúde presentes nos jornais impressos paranaenses. A proposição é discutir algumas formas específicas de hierarquização entre brancos (as) e negros (as) que circulam nesse tipo de mídia.

As relações raciais no Brasil, principalmente as que envolvem os dois maiores grupos de cor da população brasileira, brancos e negros/as,³ são objeto de intensa discussão em vários setores da sociedade, em especial na política, na academia e na mídia, no contexto sócio-histórico contemporâneo. Na discussão parece existir consenso quanto a existência de desigualdades sociais entre os dois grupos de cor; o que não existe é consenso sobre as causas e soluções para tais desigualdades sociais que, mesmo mais de um século após o final da escravidão, continuam separando negros e brancos. Setores da sociedade civil, do movimento negro e o Estado trabalham para que o projeto de nação multiculturalista (GUIMARÃES, 2006), em que a valorização da diversidade racial e cultural realmente saia do plano das ideias e/ou do discurso para o plano das relações sociais. Entre as discussões em pauta estão as relacionadas à saúde da população negra. Ainda que raça, no sentido biológico não exista, a existência de desigualdades entre grupos de cor também se reflete no acesso desses grupos à saúde, incluindo representações simbólicas de saúde e doença, que fazem parte do imaginário social.

A mídia nacional, historicamente, atua geralmente de dois modos em relação ao grupo negro: na exposição estereotipada do negro/a,⁴ como aponta Martins (2000) ao falar da publicidade nacional da maior parte do século XIX, que trazia o grupo negro como mercadoria do período escravocrata, ou da publicidade do século XX, que trazia o

³ Neste texto, o termo negro equivale ao conjunto da população brasileira classificada como pretos e pardos pelo IBGE (PNAD-IBGE, 2006).

⁴ No restante do texto será utilizado o genérico masculino, como forma de tornar mais fluida a leitura.

grupo negro associado a posições subalternas, de delinquência e, no caso dos estereótipos positivos, ligado às expressões da cultura popular brasileira (como carnaval e futebol); e na construção de um país em que o branco é referência de humanidade, ao anular a existência do grupo negro, tratando-o como outro diante dos brancos, que tendem a ser considerados modelos de beleza, como ressalta Beleli (2005) ao falar da posição de publicitários acerca dos modelos escolhidos para campanhas. Diante desse quadro, pesquisadores das relações raciais no Brasil e o movimento negro defendem que a mudança da situação subalterna do negro no Brasil, país no qual corresponde a praticamente metade da população (PNAD-IBGE, 2006), estaria atrelada à mudança no modo como a mídia nacional apresenta o negro. De acordo com o conceito de ideologia, de Thompson (1995), produções simbólicas (como a mídia) de uma sociedade são ideológicas quando atuam de modo a criar ou manter relações de dominação de indivíduos sobre outros, possibilitando acesso a bens materiais e culturais. A análise é que transformações estruturais (socioeconômicas) são necessárias para vencer as distâncias sociais entre negros e brancos na sociedade, pois o negro apresenta piores índices de educação, saúde e renda que o branco (PAIXÃO & CARVANO, 2008). Mas essas mudanças isoladamente não bastam se determinadas práticas culturais que ocultam ou estereotipam a participação do grupo negro na sociedade não forem modificadas. Antes de considerar o campo simbólico mero reflexo da realidade estrutural, argumenta-se que esse campo também ajuda a produzir as condições estruturais.

Categorias teóricas utilizadas: racismo de status e ideologia

Para este trabalho, como principais categorias teóricas de análise dos resultados, utilizamos o conceito de hierarquia racial proposto por Guimarães (1997) e o conceito de ideologia desenvolvido por Thompson (1995).

No campo científico, o termo raça, quando dirigido aos grupos humanos, pode ser usado em pelo menos dois sentidos: biológico e sociológico (GUIMARÃES, 1997). O sentido biológico do termo ganhou destaque principalmente no século XIX, quando foi utilizado pelas potências europeias da época para justificar sua supremacia diante de povos não brancos, sendo abandonado pela biologia após a Segunda Guerra Mundial. Ele estaria vinculado à noção de hierarquia biológica entre os grupos humanos, como se diferenças fenotípicas significassem diferenças relevantes genotipicamente. O sentido sociológico, utilizado por parte dos cientistas sociais, entende a raça como construção social, sem nenhuma existência biológica. Rejeitando o sentido biológico, Guimarães (1997) argumenta que seria útil adotar o termo em seu aspecto sociológico, porque permanece nas práticas populares a ideia de que diferenças fenotípicas se refletem no desempenho dos indivíduos. “Raça” pode demonstrar o caráter específico das práticas e crenças discriminatórias. É esse o sentido utilizado por Guimarães, quando diz que “não é necessário reivindicar nenhuma realidade biológica das ‘raças’ para fundamentar a utilização do conceito em estudos sociológicos” (GUIMARÃES, 1997, p. 27).

Na visão de Guimarães (1997), a sociedade brasileira é sociedade de status, na qual certos grupos sociais teriam “direitos” a alguns privilégios em relação ao Estado e a outros grupos sociais. Esses privilégios seriam garantidos pela aparência e pela cor, considerados pelo teórico os principais marcos sociais. Os traços fenotípicos serviriam para indicar certa “essência” dos indivíduos, e não a descendência. No caráter essencialista da exclusão no Brasil, indivíduos de cor escura e traços ditos “negroides” estariam condenados a ocupar as esferas sociais de baixo status (GUIMARÃES, 1997). O racismo brasileiro contra os negros, desde a pesquisa de Oracy Nogueira na década de 1950 (apud BELELI, 2005), é entendido como fenotípico pela maior parte dos cientistas sociais. O que torna um indivíduo objeto de preconceito não é tanto a sua ascendência, mas sim a sua aparência física (cor da pele, formato do nariz e lábios e textura do cabelo, principalmente). E mesmo as desigualdades

de classe se legitimariam por meio da ordem de status: seria “normal” encontrarmos boa parte do grupo negro nas camadas sociais mais baixas, pois são cidadãos de baixo status, enquanto as camadas mais altas possuem maioria esmagadora de brancos. O curioso é que esse processo, esse racismo, se daria de modo “cordial”, pois não existem mecanismos legais de segregação racial, como os que existiram nos Estados Unidos e África do Sul, por exemplo. O conceito de raça, então, teria existência real no plano das relações sociais, e o racismo nacional utilizaria critérios fenotípicos, não sanguíneos, para hierarquizar a sociedade, deixando os indivíduos de cor escura limitados a certas esferas sociais que, por causa da sua “essência”, ocupam “naturalmente”.

O racismo brasileiro utiliza o discurso das produções culturais para se manter. Os discursos são produtores e reprodutores de desigualdades em diferentes eixos (THOMPSON, 1995), em específico de raça (foco deste estudo, mas sem desconsiderar a importância de outros eixos de desigualdade, em especial de idade e gênero). As desigualdades relativas aos bens simbólicos se relacionam de forma complexa e assíncrona com as desigualdades relativas aos bens materiais, principalmente nas sociedades modernas, nas quais os discursos midiáticos ocupam especial espaço de estruturação das relações de dominação (THOMPSON, 1995). Acreditamos que esse conceito é útil para a interpretação das relações raciais na mídia nacional porque partimos do pressuposto que a mídia, como produção simbólica,⁵ pode estar a serviço de determinados grupos sociais e raciais.

Thompson (1995) descreve modos gerais em que a ideologia opera. Neste trabalho descreveremos dois modos gerais: **unificação** e **reificação**. Exemplificaremos cada um quando apresentarmos os resultados. Por ora, é importante considerar que os modos gerais podem atuar (e geralmente atuam) simultaneamente em produções simbólicas.

⁵ O caráter simbólico das produções culturais depende do contexto sócio-histórico em que estão inseridas — o mesmo acontece com o aspecto ideológico das produções simbólicas.

Ausências e estereótipos do negro na mídia nacional

A representação do personagem branco como modelo de humanidade marca a mídia nacional ao longo de sua história, enquanto ao negro foi relegado o papel de “outro” em nossa cultura. Exemplo é o estudo apresentado por Martins (2000): a publicidade impressa do início do século XIX trazia o negro como produto, principal mercadoria do regime escravista que vigorava. Já na passagem do século XIX para o século XX, com o fim da escravidão, o negro passou a ser visto de forma estereotipada, quando era visto, na publicidade nacional (em parte, resultado das ideias racistas desse período, quando temos estereótipos negativos – tais como o do negro malandro, vagabundo, bêbado etc.–, usados contra os negros para legitimar a necessidade de “branqueamento” da população brasileira). Perto da segunda metade do século XX, alguns estereótipos negativos passaram a dividir espaço com estereótipos, digamos, positivos (como sambista, jogador de futebol etc.). Isso ocorreu em parte por causa da chamada “democracia racial”, que cedia apenas o espaço esportivo-cultural ao negro na sociedade (como se a contribuição social do negro se limitasse a essas áreas), o que consideramos, entre outras coisas, consequência da hierarquização racial brasileira (GUIMARÃES, 1997). No fim da segunda metade do século XX, com a explosão dos movimentos sociais e a queda do regime ditatorial, a democracia racial passou a ser vista como mito, e o espaço reservado ao negro, segundo Martins (2000), aumentou significativamente, principalmente a partir dos anos 1990, em comparação com décadas anteriores. O aumento, entretanto, ainda estaria longe de representar o contingente populacional desse grupo étnico-racial em nosso país.

Silva e Rosemberg (2007) realizaram revisão de literatura sobre o discurso racial na mídia brasileira, analisando pesquisas nos seguintes campos: literatura e cinema, imprensa, televisão, literatura infanto-juvenil e livro didático. Consultando 24 bases de dados bibliográficos, de textos publicados entre 1987 e 2002, localizaram 182 referências a pesquisas que tratavam de relações raciais e/ou racismo na mídia,

direta ou indiretamente. Eles sistematizaram os resultados encontrados na pesquisa em quatro pontos (SILVA; ROSEMBERG, 2007): a) a evidente sub-representação do negro nas diversas mídias; b) o constante silenciamento das mídias sobre as desigualdades raciais, que, segundo os autores, exerce duplo papel: negar os processos de discriminação racial, buscando ocultar a racialização das relações sociais, ao mesmo tempo em que propõe a homogeneidade cultural ao brasileiro; c) o branco é tratado como representante “natural” da espécie humana; d) a estereotipia na representação do homem e da mulher negras, adulto ou criança, é recorrentemente assinalada nas diversas mídias. Segundo os autores, as pesquisas relatam modificações nos discursos sobre negros, mas são modificações ainda limitadas. A mídia participaria da produção e reprodução do racismo estrutural e simbólico da sociedade quando produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, discriminando os negros, ao mesmo tempo em que prega o mito da democracia racial.

Beleli (2005), em sua pesquisa sobre como a publicidade brasileira trabalha com as diferenças, analisou as campanhas publicitárias dos *Anuários de Criação* produzidos pelo Clube de Criação de São Paulo (CCSP), que reúne as propagandas vencedoras nos Festivais de Criação, de 1975 a 2003. Para a pesquisa, a autora selecionou 889 publicidades divulgadas em revistas e outdoors, e entre estas as que evocavam diferenças. Também entrevistou nove profissionais do meio publicitário. Constatou, entre outras coisas, que a raça negra se tornou mais visível nos últimos dez anos do material pesquisado – resultado da “descoberta”, segundo os publicitários entrevistados, da classe média negra. Para a autora, a entrada do negro na publicidade estaria vinculada ao mercado e suas demandas, pois os publicitários possuiriam o medo de “queimar o produto” – ou seja, associá-lo a corpos negros. “Queimar o produto” estaria vinculado ao critério de “boa aparência”, o que coloca os corpos negros em desvantagem em relação aos corpos brancos (de aparência europeia), pois esses sim são de boa aparência, e, seguindo o raciocínio, vendem. De acordo

com a autora “na publicidade (...) ‘aparência’ define quem é ou não ‘lindo’, e um dos fortes atributos de beleza é a ‘cor’” (BELELI, 2005, p. 122). Se o branco é o belo, ele tende a ser tomado como representante da humanidade. A exceção da utilização de modelos brancos como representantes da humanidade geralmente foi vista naqueles produtos dirigidos para a pele morena e negra, que trazem justificativa para a exibição de corpos negros na publicidade, qual seja, a especificidade do produto. No imenso universo dos produtos “não específicos”, os corpos brancos representaram o tipo humano.

Em análise qualitativa acerca da imagem corporal da mulher apresentada pela mídia impressa brasileira, Maldonado (2006) teve como amostra as edições das revistas *Boa Forma* (que trata de temas relacionados à saúde) e *Corpo a Corpo* (mais voltada à beleza) de 2002, totalizando 24 edições. Os resultados indicaram, entre outras coisas, que as revistas divulgam, na capa, padrão físico distante de grande parte da população brasileira: mulheres brancas, magras e com medidas semelhantes, do meio televisivo, de cabelo liso e com partes do corpo à mostra. Para a pesquisadora, a exposição de corpos *seminus* torna-os objetos de desejo a serem atingidos pelas leitoras dessas revistas, leitoras convidadas, pelos textos de capa, a se tornarem lindas, magras e com sucesso, como as modelos utilizadas – modelos tomadas como padrões de humanidade a serem seguidos.

Christofoletti e Basso (2007) apresentaram estudo sobre a participação de personagens negros em fotografias nos principais jornais impressos do Estado de Santa Catarina: *A Notícia*, *Diário Catarinense* e *Jornal de Santa Catarina*. Como amostra, utilizaram 777 edições desses jornais, no período de agosto de 2005 a maio de 2006. A presença de negros foi verificada na pesquisa, entretanto foi menor que a participação dos negros na população do Estado (correspondem a 12,5%): foram publicadas 53634 fotos nas edições analisadas, das quais apenas 4995 com negros – a maioria (69,50%) nas seções de Esporte e Cultura/Variadas, enquanto nas seções consideradas nobres, como Economia, Política e Coluna Social, a

presença de negros correspondeu a 6,18%. Os resultados da pesquisa indicam a manutenção de determinadas relações de dominação entre grupos raciais (THOMPSON, 1995).

Os estudos citados contribuem para a discussão acerca do espaço concedido aos dois maiores grupos raciais da população brasileira no campo midiático que trata da saúde humana.

Materiais e métodos

Na presente pesquisa,⁶ decidimos trabalhar com as personagens negras e brancas do caderno *Mais Saúde*, do jornal *O Estado do Paraná*. Seleccionamos como amostra dez meses de circulação do caderno: março a dezembro de 2007. O jornal *O Estado do Paraná* está entre aqueles de maior circulação na Grande Curitiba.⁷ Assumpção (2006) descreve o caderno *Mais Saúde* como centralizado em reportagens acerca de temas do cotidiano da população, muitas vezes relacionadas à prevenção de doenças que ocorrem com mais frequência em determinada estação do ano. O caderno tende a basear as informações em especialistas na área da saúde humana, porém com linguagem simples e coerente. Em análise das reportagens publicadas nesse caderno, em quatro meses de 2005 (cada mês uma estação do ano), os resultados de Assumpção (2006) indicaram que os assuntos mais publicados estavam relacionados à obesidade, depressão e coração (somados, os assuntos corresponderam a 50,01% do total). O caderno *Mais Saúde* é veiculado com o jornal às terças-feiras, sendo, portanto, semanal. Segundo as informações contidas no próprio caderno, ele trata dos seguintes assuntos: medicina, prevenção, beleza, estética, nutrição, fitness e medicamentos (*O Estado do Paraná*, p.1, 06 mar. 2007).

⁶ Essa pesquisa está inserida no trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFPR, que tem como objeto a representação do personagem negro na mídia impressa paranaense.

⁷ De acordo com Zuniga (2000), sua primeira edição data de 1951. Em 1964, Paulo Pimentel, político conservador que ocupou vários cargos no Paraná, adquire o jornal, sendo o proprietário do mesmo até os dias atuais.

Em dez meses, reunimos 40 edições do caderno (do número 156 ao 198, com exceção ao número 171, ao qual não tivemos acesso). Realizamos quantificação das personagens de cada edição. Por personagem, entendemos aqueles seres humanos contidos em imagens (fotografias, caricaturas e outros). Trabalhamos com categorias predeterminadas para organização e análise dos dados. São elas: cor-etnia, gênero, individualidade, idade ou etapa da vida, relações de parentesco, papel no contexto da saúde e representação dos corpos.⁸

QUADRO: Categorias e subcategorias de organização e análise dos dados.

Categoria	Subcategoria
Cor-etnia	1- Branco 2- Preto 3-Pardo 4-Indígena 5-Amarelo 6-Outros 7- Indeterminado (o contexto jornalístico apresenta personagens de mais de uma etnia ou não é possível identificação étnica)
Gênero	1-Masculino 2-Feminino 3- Misto (quando o contexto jornalístico apresenta personagens dos dois gêneros) 4- Não se aplica: seres assexuados (ex. anjo, assombração) 5- Indeterminado ou indefinido
Individualidade	1-Indivíduo: indivíduo único, original e singular 2-Indivíduo saído de grupo: quando um indivíduo se destaca de um grupo, coletivo ou multidão 3-Subgrupo saído de grupo, coletivo ou multidão 4-Multidão, grupo, coletivo ou par: grupo tratado como tal, em que os componentes individualizados não são considerados
Idade ou etapa da vida	1- Adulto 2- Criança ou adolescente 3- Velho 4- Multidão mista 5- Indeterminado

⁸ Optamos por trabalhar com o que acreditamos que em nossa cultura é visto como corpo saudável ou doente. Foge aos objetivos deste texto chegar a uma definição última de saúde – doença. Sobre o tema ver, por exemplo, Coelho & Almeida.

Categoria	Subcategoria
Relações de Parentesco	1- Alusão a filhos 2- Alusão a pais 3- Alusão a irmãos 4- Alusão a família ampla inferior (neto, sobrinho, afilhado etc.) 5- Alusão a família ampla superior (avô, tia etc.) 6- Alusão a família ampla sem hierarquia (cunhado, genro, compadre etc.) 7- Sem alusão a qualquer relação de parentesco
Papel no contexto da saúde	1 - Profissional 2 - Paciente ou cliente 3 - Não se aplica
Representação dos corpos	1 - Alusão a corpo saudável (a personagem aparenta bem-estar físico, psicológico ou social destacado. Ex: desempenha atividade física sorrindo, exibindo parte do corpo malhado, em contexto que incentiva a prática de esportes para uma vida mais saudável) 2 - Alusão a corpo doente (a personagem aparenta mal-estar físico, psicológico ou social destacado. Ex: esconde o rosto com as mãos, sentada sozinha no canto de um quarto sombrio, em contexto que alerta para os sintomas da depressão) 3 - Sem alusão explícita

O tratamento dos dados foi feito com o auxílio do programa computacional S.P.S.S. (*Statistical Package for the Social Sciences*), para Windows XP. Destacamos a variável cor-etnia e realizamos cruzamentos dessa variável com as outras, utilizando procedimentos de análise de conteúdo (BARDIN, 1985). Também houve cruzamentos entre a variável cor-etnia, a variável gênero e a variável papel no contexto jornalístico e representação corporal. Juntamente com a análise quantitativa, fizemos análise qualitativa da presença de brancos e negros nesse caderno de saúde.

Resultados e discussão

Na amostra contamos 628 personagens. Desses, 573 brancos (91,24% do total), 23 negros (3,66%) e 32 indeterminados fenotipicamente (5,09%), sendo que desses, 18 (2,86%) chamaremos de personagens

grupo multiétnico, por se tratarem de personagens grupais, ou seja, grandes grupos com mais de quatro pessoas, em que nenhuma delas se destaca e apresentam entre seus personagens brancos e negros. Não encontramos personagens indígenas ou amarelos na amostra. Como o objeto deste texto são personagens negros e brancos, a partir deste ponto apresentamos resultados referentes apenas a esses dois grupos raciais.

Chamamos de “taxa de branquidade” (SILVA, 2005) a divisão do número de personagens brancos pelo número de personagens negros. Contamos 24,91 personagens brancos para cada personagem negro, o que pode indicar hierarquização racial (GUIMARÃES, 1997) presente no discurso midiático da saúde: corpos brancos tendem a ser mais utilizados nesse caso para representar a espécie humana do que corpos negros – nesse caso, a pouca participação de negros atua de modo a racializar esse grupo. A hierarquização atua de maneira ideológica (THOMPSON, 1995) na distribuição de poder simbólico, e até mesmo material, na sociedade. Acreditamos que a subexposição de negros em contextos relacionados à saúde da espécie humana, combinada com sua superexposição em contextos futebolísticos, por exemplo (CHRISTOFOLETTI; BASSO, 2007), age de forma a **reificar** (THOMPSON, 1995) espaços ocupados por negros (e em consequência por brancos) na sociedade brasileira, isto é, naturalizar tais espaços como se fosse “natural” encontramos corpos brancos em seções de saúde.

Se dividirmos os dez meses de amostra em duas partes (de março a julho e de agosto a dezembro), temos: nos cinco primeiros meses da amostra, de 341 personagens, 309 (90,61%) brancos e 10 (2,93%) negros. Nos cinco últimos meses, de 287 personagens, 264 (91,98%) brancos e 13 (4,52%) negros. Percentualmente, a participação de negros foi maior no segundo período da amostra, embora o número de personagens contados nesse período (287) tenha sido menor que o do primeiro período (341). A taxa de branquidade evidencia isso: no primeiro período foi 30,9, e no segundo 20,30 brancos para cada negro. Esses dados sugerem que não basta aumentar o número de personagens presentes em imagens na mídia para aumentar a participação de negros.

A maior participação de negros no segundo período estaria relacionada ao uso de corpos negros na temporada de verão. Como o caderno de saúde tende a manter o foco nas doenças e estratégias de prevenção de cada estação do ano (ASSUMPCÃO, 2006), e como os últimos meses da amostra englobam a primavera e o início do verão, a participação de corpos negros é, de certa forma, justificada pelo período do ano – como as marcas para pele morena e negra precisam dessa justificativa para usar corpos negros, como ressalta Beleli (2005).

A tabela seguinte resume a participação de personagens brancos e negros nas categorias gênero, individualidade, idade ou etapa da vida e relações de parentesco.

TABELA 1: Frequência para personagens brancos e negros nas categorias gênero, individualidade, idade ou etapa da vida e relações de parentesco.

Categorias e subcategorias	Cor-etnia				Taxa de branquidade
	Brancos		Negros		
	n°	%	n°	%	
<i>Gênero</i>					
masculino	301	94,16	14	4,37	21,5
feminino	230	95,04	5	2,02	46
misto	230	65,71	0	0	*
não se aplica	0	0	0	0	*
indeterminado/indefinido	19	61,29	4	12,9	4,75
<i>Individualidade</i>					
indivíduo único	312	90,17	20	5,78	15,6
indivíduo destacado do grupo	4	100	0	0	*
subgrupo destacado do grupo	0	0	0	0	*
multidão, grupo, coletivo ou par	257	92,44	3	1,07	85,66
<i>Idade</i>					
adulto	417	92,05	13	2,86	32,07
criança/adolescente	74	91,35	7	8,64	10,57
velho/idoso	61	96,85	2	3,17	30,05
multidão mista	12	66,66	0	0	0
indeterminado	9	69,23	1	7,69	9

Categorias e subcategorias	Cor-etnia				Taxa de branquidade
	Branços		Negros		
<i>relações de parentesco</i>					
alusões a filhos	16	94,11	0	16	*
alusões a pais	21	91,3	1	4,34	21
alusões a irmãos	0	0	0	0	*
alusões a família ampla inferior	6	85,71	1	14,28	6
alusões a família ampla superior	8	100	0	0	*
alusões a família ampla s/ hierarquia	0	0	0	0	*
sem alusão	522	91,09	21	3,66	24,85

FONTE: tabulações do autor.

*Não foi possível calcular a taxa de branquidade nesses casos.

Com relação à participação de homens e mulheres na amostra, temos: de 320 personagens masculinos, 301 (94,06%) brancos e 14 (4,37%) negros. Taxa de branquidade de 21,5 brancos para cada negro. De 242 personagens femininos, 230 (95,04%) brancos e 5 (2,02%) negros. Taxa de branquidade de 46 brancas para cada mulher negra. Isso indica que a variável gênero não pode ser desprezada nas análises entre os dois maiores grupos raciais. Além da pouca participação de mulheres negras, observamos que em nenhum momento elas apareceram no papel de profissional da saúde. Acreditamos que a falta de representação de mulheres negras em um caderno de saúde, principalmente em papéis como o de profissional da saúde – extremamente valorizado em uma sociedade como a nossa, tem como consequência a **reificação** (THOMPSON, 1995) de espaços ocupados pelas mulheres brancas e negras. Como exemplo, podemos dizer que seria comum encontrar médicas brancas, enquanto causaria admiração encontrar médicas negras. A mídia despreza, então, aspecto importante da realidade nacional, pois muitas mulheres negras atuam como profissionais da saúde – médicas, fisioterapeutas, psicólogas e diversas outras profissões de prestígio.

Os personagens que apareceram individualmente nas unidades de informação somaram 346, sendo que desses, 312 brancos (90,17%) e 20 negros (5,78%). Taxa de branquidade de 15,6. Destacado de grupo (saindo

de grupo) somaram 4 personagens, todos (100%) brancos. Multidão (mais de quatro personagens no mesmo contexto, sem que nenhum deles se destaque) somaram 278, desses 257 brancos (92,44%) e 3 negros (1,07%). Taxa de branquidade de 85,66. Contamos também 18 personagens (6,47%) de grupos multiétnicos. A grande participação de negros em grupos multiétnicos talvez revele que eles não têm status (GUIMARÃES, 1997) suficiente para aparecer individualmente na mídia – precisa da presença do branco para confirmar a diversidade racial do brasileiro. Essa apresentação do negro ajuda a manter o mito da democracia racial (SILVA & ROSEMBERG, 2007), pois demonstra a pluralidade racial brasileira, em exemplo de **unificação** (THOMPSON, 1995) das diferenças existentes entre os grupos sociais como se fossem irrelevantes, de modo a impedir divisões. Além disso, apenas personagens brancos foram observados na amostra, destacados de grupos – o que indica maior valorização de seus traços fenotípicos. A ausência de negros em casos como esses contribui para sua racialização – no discurso, o corpo negro é racializado, enquanto o corpo branco é tratado como neutro.

De 453 personagens na fase adulta, 417 eram brancos (92,05%) e 13 negros (2,86%). Taxa de branquidade de 32,07. As crianças somaram 81, sendo 74 brancas (91,35%) e 7 negras (8,64%). Taxa de branquidade de 10,57 brancos para cada negro. Personagens na velhice somaram 63. Desses, 61 (96,82%) brancos e 2 (3,17%) negros. Taxa de branquidade de 30,5. Christofolletti e Basso (2007) argumentam que os poucos negros encontrados em sua amostra com jornais catarinenses se concentravam em setores esportivos e de delinquência. Considerando que a maior parte dos personagens nesses setores é adulta, não é de estranhar que o caderno de saúde deixe pouco espaço ao negro adulto: ele já tem o “seu lugar” em outros assuntos do jornal. Vale lembrar que o adulto é o representante da espécie humana em nossa cultura – e a falta de negros adultos pode indicar a incapacidade simbólica de tornar o negro representante de humanidade.

Apenas dois personagens negros apareceram em relações de parentesco, enquanto personagens brancos apareceram como filhos, pais, netos e avós.

Silva e Rosemberg (2007) enfatizam que a mídia nacional tende a pregar o mito da democracia racial. Acreditamos que se ela o faz, é de maneira contraditória, pois impede a participação da família negra. Inferimos que a falta de famílias negras está relacionada à baixa participação de mulheres negras na amostra, pois nenhuma vez observamos negras grávidas ou com filhos pequenos, ao contrário das mulheres brancas. Como o caderno de saúde não utiliza estereótipos como o da mulata sambista, ao contrário da publicidade nacional (MARTINS, 2000), o espaço da mulher negra, historicamente estereotipada, fica reduzido.

A tabela seguinte resume os resultados nas categorias papel no contexto da saúde e representação corporal.

TABELA 2: Frequência para personagens brancos e negros nas categorias papel no contexto da saúde e representação corporal.

Categorias e subcategorias	Geral	Cor-etnia				Taxa de branquidade
		Branços		Negros		
<i>Papel no contexto</i>						
profissional da saúde	138	132	95,65	4	2,89	33
paciente/cliente	104	94	90,38	4	3,86	23,5
sem papel definido	386	347	89,89	15	3,88	23,13
<i>Representação corporal</i>						
alusão a corpo saudável	174	166	95,4	3	1,72	55,33
alusão a corpo doente	123	103	83,73	7	5,69	14,17
sem alusão	331	304	91,84	13	3,92	23,38

FONTE: tabulações do autor.

Analisando os dados quanto aos papéis sociais escolhidos para análise dentro do contexto do caderno de saúde temos: entre os 138 personagens contados como profissionais da saúde, 132 (95,65%) brancos e 4 (2,89%) negros. A taxa de branquidade foi de 33 brancos para cada negro. Relacionando esses dados com os de idade: como é maior a taxa de branquidade na fase adulta, era de esperar a pouca presença de negros

como profissionais da saúde. Paciente ou cliente somaram 104; desses, 94 (90,38%) brancos e 4 (3,86%) negros. Taxa de branquidade de 23,5. A menor taxa de branquidade no caso dos pacientes indicaria a atuação ideológica da mídia (THOMPSON, 1995), pois os profissionais da saúde, como médicos e nutricionistas encontrados na amostra, possuem alto status social. Queremos dizer com isso que a ausência simbólica de negros em papéis de prestígio contribui para sua exclusão social.

Com relação à representação de corpo saudável ou doente, entre os 174 corpos contados como representando saúde, houve 166 (95,40%) brancos e 3 (1,72%) negros. Taxa de branquidade de 55,33 brancos para cada negro. Observamos que dos personagens negros cujo corpo era utilizado para fazer alusão à saúde, nenhum era do gênero feminino, o que provavelmente é comparável ao observado por Maldonado (2006) em sua pesquisa com revistas femininas, em que corpos seminus de modelos brancas são utilizados como sinônimo de saúde e beleza. Os personagens categorizados como fazendo alusão à doença somaram 123; desses, 103 (83,73%) brancos e 7 (5,69%) negros (sendo que, desses, duas eram mulheres negras). Taxa de branquidade de 14,17 brancos para cada negro. De forma irônica podemos dizer que provavelmente não deve haver problema algum em “queimar o produto” (BELELI, 2005), utilizando personagens negros para algo aversivo, como a doença, pois a taxa de branquidade foi menor nesse caso; por outro lado, deve ser um problema considerar um corpo negro belo e saudável... Ainda de forma irônica, inferimos que caso a nossa amostra tivesse começado no mês do carnaval, provavelmente veríamos mais negros em corpos saudáveis, pelo menos nos estereótipos positivos ressaltados por Martins (2000).

Considerações finais

Os resultados indicam pontos comuns com outras pesquisas: o negro encontra-se sub-representado; tende a ser preferencialmente em grupos a individualmente; praticamente ausente das relações familiares. Aparece em três faixas etárias, principalmente na infância-adolescência com sub-

representação maior no caso das mulheres negras. Inferimos que essa apresentação do negro ajuda a manter as desigualdades sociais existentes entre os grupos de cor, branco e negro, na sociedade brasileira. Isso porque quando falamos de grupos sociais tratamos de seres humanos, que se relacionam com sua própria imagem e com a sociedade. Seres humanos que se comportam, de maneira consciente ou não, também de acordo com o que o discurso social afirma sobre pessoas de sua aparência.

Não foi o objetivo deste texto desenvolver amplamente as categorias teóricas utilizadas para a interpretação dos dados, em parte em decorrência das limitações do artigo. Optamos por dar ênfase maior aos resultados da pesquisa, pois em revisão de literatura não encontramos muitos trabalhos que tratam diretamente do assunto – as exceções são, em parte, os estudos de Beleli (2005) e Maldonado (2006).

No campo estrutural, na primeira década do século XXI, políticas de saúde dirigidas à população negra começaram a ganhar espaço (MAIO; SIMONE, 2005). Tais políticas, provavelmente, necessitaram de maior atenção por parte da mídia quanto à população negra brasileira. Acreditamos que expor as desigualdades existentes na representação dos segmentos raciais na mídia da saúde para aqueles que produzem tal mídia, muitas vezes não conscientes da seleção de cores que fazem (porque o racismo nacional é principalmente racismo de cor de pele), pode ser um começo. Também devemos lembrar das desigualdades estruturais existentes no acesso às profissões midiáticas, como fotógrafo e jornalista, além das profissões de modelo e ator fotográfico. Finalizando, elencamos algumas perspectivas: pesquisas que trazem amostras de diferentes jornais devem ser efetuadas, assim como estudos que comparem cadernos de saúde com seções de saúde de revistas de informação de alta circulação e/ou revistas de saúde.

Referências

- ASSUMPÇÃO, Z. A. A saúde nas páginas da imprensa paranaense: *Gazeta do Povo e O Estado do Paraná*. *Revista Digital Comunicação & Saúde*, v. 3, p. 1-9, 2006.

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- BELELI, I. *Marcas da diferença na propaganda brasileira*. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Unicamp, 2005, 157p.
- COELHO, M. T. A. D. & ALMEIDA F. N. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos. Rio de Janeiro, vol. 9(2), p. 315-333, maio-ago. 2002.
- CORRÊA, L. G. Corpo exposto: a representação do negro em dois anúncios de telefonia celular. *UNIREVISTA*. v. 1, n° 3, , p. 1-11, julho 2006.
- CHRISTOFOLETTI, R. & BASSO, M. K. J. O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais. *Estudos em Comunicação*, n°2, p. 111-125, dezembro 2007.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Racismo e antirracismo no Brasil*. Tese. Universidade de São Paulo, 1997, 248p.
- MAIO, M. C. & MONTEIRO, S. Tempos de racialização: o caso da 'saúde da população negra' no Brasil. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 419-46, maio-ago. 2005.
- MALDONADO, G. R. A educação física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 5(1), p. 59-76, 2006.
- MARTINS, M. C. S. *A personagem afrodescendente no espelho publicitário de imagem fixa*. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000, 189p.
- SILVA, P. V. B. *Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa*. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005, 228p.
- SILVA, P. V. B. & ROSEMBERG, F. Negros y blancos en los media brasileños: el discurso racista y las prácticas de resistencia. In: DIJK, T. (org.). *Racismo y Discurso em América Latina*. Barcelona: Gedisa, p. 89-136, 2007.
- HOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ZUNIGA, G. M. F. *Jornalismo: ethos e bastidores – mídia impressa paranaense*. Dissertação (mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, 2000.
- O Estado do Paraná*. Curitiba. 06 mar. 2007.